

# Funaro diz que EUA

Externa

JORNAL DO BRASIL

sábado 28/2/87

1º caderno

19

## entenderam a suspensão

**Roberto Garcia**

Correspondente

**Washington** — Depois de um dia de longas reuniões com as principais autoridades econômicas americanas, o ministro Dílson Funaro disse ontem que seus interlocutores haviam “manifestado estranheza diante da suspensão do pagamento dos juros” e, também, “compreensão por reconhecerem que o Brasil não tinha alternativas”. Funaro almoçou ontem com o presidente do banco central dos Estados Unidos, Paul Volcker, e teve uma longa conversa que ele classificou de “muito útil” com o secretário do Tesouro, James Baker. Depois de uma entrevista coletiva, no cair da noite, a repórteres econômicos dos principais jornais americanos, europeus e japoneses, o ministro da Fazenda ainda saiu para novos encontros com o vice-secretário de Estado e o diretor-gerente do FMI.

Funaro chegou bem, humorado a Washington, depois de passar toda à noite viajando. A jornalistas que lhe perguntaram se os brasileiros deviam ficar inquietos diante da situação ele disse que “não, devem aproveitar o carnaval. O povo pode pular no Brasil. Eu vou pular por aqui”.

O ministro considerou compreensível a reação negativa da comunidade financeira internacional diante da suspensão do pagamento dos juros. Mas ele insistiu que essa medida não fora tomada de forma emocional nem numa atitude ideológica e sim “de uma forma profissional, pensada e pesada, para defender nossas reservas”. Ele insistiu que isso não refletia uma crise do Brasil, visto que “nós continuamos crescendo, temos o terceiro superávit comercial do mundo e nossos déficits são proporcionalmente muito menores do que os dos nossos credores”.

Com essa afirmação, Funaro tentava rebater a crítica freqüente tanto de funcionários do governo americano quanto dos principais bancos credores de que as dificuldades atuais do Brasil resultam de uma orgia de consumo pré-eleitoral e da falta de uma política econômica coerente. Ele lembrou que desde o início da crise da dívida o Brasil já transferiu 34 bilhões

de dólares líquidos para o exterior e que, apesar disso, os organismos oficiais de crédito e os bancos privados continuam com suas portas fechadas para o financiamento ao país.

— Não imprimimos dólares, por isso temos cortado nossas importações. Em 1981 importávamos 23 bilhões de dólares anuais; no ano passado importamos apenas 12 bilhões, o nível mais baixo de importações dos últimos dez anos. Como podem dizer que não estamos fazendo sacrifícios? — perguntou ele retoricamente.

Funaro afirmou que em vez de uma recepção gélida para sua exposição, como muitos esperavam, “tanto Volcker como o secretário do Tesouro, Baker, mostraram grande compreensão”. Mas isso não era suficiente, asseverou o ministro da Fazenda, acrescentando que tanto organismos governamentais de financiamento quanto a comunidade financeira privada precisavam voltar a financiar o Brasil, a fim de que o país possa continuar importando e, assim, crescer.

O ministro também afirmou que “o problema não está no desempenho do Brasil, que tem sido exemplar”. Embora admitindo que a baixa dos preços internacionais do petróleo e das taxas de juros tenha beneficiado o país, ele lembrou que dos 18 principais produtos primários de exportação do Brasil, 17 haviam baixado de preço em 1986. “Só a queda das receitas de exportação da soja, causadas pela seca, que criou um buraco de 1 bilhão de dólares, anulou grande parte dos benefícios causados pela redução do petróleo e dos juros”, afirmou ele.

Diante de uma pergunta a respeito de possíveis represálias dos credores estrangeiros contra o Brasil, como congelamento de bens, Funaro disse que “isso seria uma escalada de horrores”.

Entre as medidas que Funaro citou como exemplos dos esforços do governo brasileiro para restabelecer o equilíbrio financeiro, estão o aumento de impostos decretado no meio do ano passado, que permitiu arrecadação adicional de 1,5% do Produto Nacional Bruto e, em novembro, outro aumento de impostos equivalente a 4,5% do PIB. “É um dos maiores esforços de contração já feitos por qualquer nação na história recente”, disse ele.